



## A Palavra é um Vírus. Rádios Que Tocam Silêncio<sup>1</sup>.

Mauro Sá Rego Costa<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### Resumo

Inspirado no mote de William Burroughs – “a palavra é um vírus” – retomo a discussão do destino do Rádio a partir da experiência da Rádio Alice, buscando desdobrar alguns temas que discuti em *Rádio Alice Através do Espelho* (Intercom, 2004) e Franco Berardi, Bifo. *Teoria do Rádio. Mídia e Política* (Intercom, 2006), com o apoio de textos de Gilles Deleuze, Giorgio Agamben; Francisco Varela com Evan Thompson e Eleanor Rosch; Daniel Stern e Tetsuo Kogawa.

### Palavras-chave

William Burroughs; Rádio Alice; Silêncio; Buda; Mídia e Política.

Alice não cessa de provocar potenciais do rádio. Meu objetivo aqui é esmiuçar o que mais há por dentro da vida e obra da Rádio Alice, com que já trabalhei em *Radio Alice Através do Espelho* (Intercom, 2004) e *Franco Berardi, Bifo. Teoria do Rádio. Mídia e Política* (Intercom, 2006). Tomo Alice como paradigmática na busca de Outro Rádio, uma nova experiência radiofônica, política, ético-estética a partir de germes que ela produziu. O que há ainda a ser visitado na proposta do *nonsense* e do paradoxo, nutrida em Lewis Carroll; e na *Lógica do Sentido*, de Gilles Deleuze, e o que se desdobra a partir de ambas.

Bifo vai adiante, na trilha de Deleuze, na questão da dissolução do Eu, ou da quarta pessoa do singular, apontando para o projeto Budista<sup>3</sup>, como Deleuze comparava o monge zen e o filósofo estóico<sup>4</sup>. O que estão procurando? Silêncio. Como Deleuze comenta em uma entrevista, quando lhe perguntam sobre Comunicação. “Há comunicação demais. O que precisamos é de Silêncio”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora -, do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ; Coordenador da Oficina Híbridos - Mídia e Arte Contemporânea - do LABORE – Laboratório de Estudos Contemporâneos -; Coordenador do Laboratório de Rádio UERJ/Baixada; Membro da Associação Comunitária de Comunicação, Educação e Cidadania de Vila S. Luís – Rádio Kaxinawá - maurosa@ism.com.br

<sup>3</sup> Franco Berardi Bifo. *Mutazione e cyberpunk*, edizioni costa & Nolan, Genova, 1994, 175.

<sup>4</sup> Deleuze, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974, 139.



Talvez, a palavra, a comunicação, estejam apodrecidas. Estão tão completamente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio da palavra. Criar sempre foi uma coisa diferente de comunicar. O importante, talvez, seja criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle.<sup>5</sup>

Quem leva ao extremo a questão do controle pela palavra é William Burroughs, que inspirou Deleuze com a noção de “sociedade de controle”. Burroughs cria metaforicamente, literariamente, no seu estilo de ficção científica, a teoria de que “a palavra é um vírus”. Um vírus opera autonomamente, sem a intervenção humana. Ele se liga a um hospedeiro e se alimenta dele, crescendo e se espalhando de hospedeiro a hospedeiro. A linguagem *nos infecciona*; seu poder deriva não de sua habilidade de comunicar ou persuadir, mas de sua natureza infecciosa. Assim pedaços de linguagem se articulam a outros pedaços de linguagem, crescendo e se espalhando, usando seres humanos como hospedeiros.

Nas palavras de Burroughs:

No início era a palavra e a palavra era deus, e esse mistério se manteve desde então. A palavra era Deus e a palavra era carne, como nos dizem. No começo de que, exatamente, estava esta palavra no início? No início da história ESCRITA. Assume-se, em geral, que a palavra falada veio antes da escrita. Eu sugiro que a palavra falada, como nós a conhecemos, veio depois da palavra escrita. No começo era a palavra e a palavra era Deus e a palavra era carne... carne humana... No início da ESCRITA. Os animais falam e trocam informações, mas não escrevem. ... . Korzybski, que desenvolveu o conceito de Semântica Geral, o significado do significado, apontou esta distinção e descreveu o homem como “o animal que acumula o tempo”. Ele pode fazer chegar a informação a outros homens através de longo intervalo de tempo, com a escrita. Os animais falam. Eles não escrevem. (...) Minha teoria básica é que a palavra escrita é literalmente um vírus que tornou possível a palavra falada. A palavra não foi reconhecida como um vírus até que atingisse um estado de simbiose estável com seu hospedeiro.<sup>6</sup>

Giorgio Agamben, em seu texto sobre Guy Debord, “Notas Marginais aos Comentários sobre A Sociedade do Espetáculo”<sup>7</sup>, aponta para o estado de crise atual – sob o controle da Sociedade do Espetáculo – com comentários que os cabalistas fazem em torno de Shekinah. Segundo ele, chegou-se a uma distância limite entre as palavras, o discurso, e a experiência; entre o conhecimento e a vida. Isto ocorre pela expropriação da palavra, da comunicação entre os homens pela Mídia instituída – que fala em lugar de cada um, fala por todos, e nos roubou a potência da linguagem, da comunicação. Superar esse estado, recuperar a linguagem Adâmica, que diz o que as coisas são; na leitura dos cabalistas, a Shekinah – que quer dizer “o abrigo”, “a casa” – é o trabalho

---

<sup>5</sup> Deleuze, Gilles. *Pourparlers*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1990, 238.

<sup>6</sup> [http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic\\_revolution.pdf](http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic_revolution.pdf), em 12/6/08.

<sup>7</sup> In *Moyens sans fins. Notes sur la politique*, Paris: Rivage Poche, 2002



que propõe Debord, e depois Bifo e Guattari: a luta contra o vírus da palavra. Continuando o tratamento através do espelho de William Burroughs:

(Citando) VIRUS ADAPTIBILITY AND HOST RESISTANCE de G.Belyavin: “Os vírus são parasitas celulares obrigatórios, e assim, totalmente dependentes da integridade dos sistemas celulares que eles parasitam para sobreviver. Deste modo, é paradoxal que muitos vírus destruam as células em que estão vivendo...” E eu acrescentaria, o meio ambiente necessário para qualquer estrutura celular que parasitariam para sobreviver. Será o vírus, então, simplesmente uma bomba relógio deixada neste planeta para ser ativada por controle remoto? Um programa de extermínio? Em seu caminho da completa virulência ao seu objetivo último de simbiose, alguma criatura humana sobreviverá? (...) Tomando o ponto de vista do vírus, a situação ideal seria aquela em que o vírus se replicaria na célula sem perturbar de nenhum modo seu metabolismo normal. Vem sendo sugerido que é esta situação biológica ideal aquela para a qual todos os vírus vêm lentamente evoluindo...<sup>8</sup>

A saída radical proposta por Burroughs, como a de Deleuze, ou de Bifo, por modos e meios diversos: o Silêncio, vacúolos de silêncio, “interruptores para escapar ao controle”. Este é também, literalmente, o caminho budista. Infelizmente, sua compreensão é obstruída pela dificuldade que temos de suspender nossos preconceitos “ocidentais” contra este pensamento, e práticas de lidar com a mente, que não se baseiam nos mesmos parâmetros inconscientes que nos sustentam.

Um biólogo e neurocientista chileno, Francisco Varela, junto com um filósofo e uma psicóloga e neurocientista americana – Evan Thompson e Eleanor Rosch – desenvolveram um trabalho de pesquisa bastante original comparando as ciências cognitivas ocidentais e o método cognitivo do Budismo.<sup>9</sup> Sua proposta foi a de tratar no mesmo horizonte estas duas áreas sem assumir as fronteiras que convencionalmente as separam. O que faz a diferença entre o método cognitivo budista – em que a meditação é o instrumento principal – e os métodos cognitivos ocidentais contemporâneos, responsáveis pelas tecnociências assim como por toda a nossa confusão e nihilismo e pela facilidade com que deixamos nossas mentes serem “manipuladas”? Basicamente, uma relação cognitiva e prática *com* a própria mente, e não a reflexão cognitiva abstrata que fazemos *sobre* a mente.

A meditação pode ser pensada como uma técnica específica, tão simples quanto sofisticada em sua formulação, de “controle da mente”. Fixar a atenção na respiração – no ar entrando e saindo pelo nariz – e assinalar cada vez que a mente se perde, voltando

---

<sup>8</sup> Idem -- [http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic\\_revolution.pdf](http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic_revolution.pdf) , em 12/6/08.

<sup>9</sup> Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch. De Cuerpo Presente. Las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Gedisa Ed., Barcelona, 1992.



em seguida à respiração, por exemplo, é um dos métodos da corrente Vipássana do Budismo.

Mas os que se iniciam na meditação notam com assombro como é difícil estar alerta diante de um objeto tão pouco complexo. (...) O corpo está sentado, mas a mente é ocupada constantemente por pensamentos, sentimentos, conversas interiores, sonhos diurnos, fantasias, opiniões, teorias, juízos sobre pensamentos e sentimentos, juízos sobre juízos, uma torrente incessante de acontecimentos mentais desconexos em que o meditador não repara senão nestes breves instantes em que lembra o que está fazendo.<sup>10</sup>

À medida que se exercita na meditação, começa, lentamente, a se tornar mais rápida a consciência de que a mente fugiu da respiração e embarcou na sua viagem corriqueira. A meta é não dar atenção ao que se passa nestas fugas, pois esse é o movimento “automático” da mente. O importante é o manter da consciência no ato de respirar. Depois de uma prática constante, num bom período de tempo – dizem os neurocientistas, abandonar ou adquirir um hábito, é algo para, no mínimo, uns três meses – outra coisa se inicia. O poeta Allen Ginsberg relata que começa então a perceber o instante em que um pensamento se inicia, ou o intervalo entre os pensamentos. “Vacúolos de não-comunicação”, disse Deleuze.

Varela/Thompson/Rosch chamam de “presença plena/consciência aberta”, o objetivo deste método, na verdade, um processo de desaprendizagem:

Considera-se a presença plena/consciência aberta parte da natureza básica da mente; é o estado natural da mente, temporariamente escondido pelos padrões habituais de fixação e de engano. (...) Quando se rompem estes hábitos e se aprende a atitude de “deixar estar”, a característica natural da mente para conhecer-se e refletir sua própria experiência, pode “iluminar-se”. Este é o começo da sabedoria ou maturidade (*prajna*).

É importante compreender que esta maturidade não significa adotar uma atitude abstrata. Como assinalam os mestres budistas, o conhecimento, no sentido de *prajna*, não é conhecimento *sobre* nada. Não há um conhecedor abstrato de uma experiência que está separado da experiência mesma. Eles se referem a isto como “ser uno com a própria experiência”.<sup>11</sup>

Ou ter a experiência direta, a que está antes da palavra, da linguagem – que se dá, portanto, no silêncio da não-comunicação, no “vazio”. A principal questão de Deleuze em *Lógica do Sentido* é a da não-separação ou da co-pertinência entre o sentido e o não-sentido. Ele mostra como esta é a busca do filósofo estóico, e a do monge zen: a

---

<sup>10</sup> Varela et alii, 1992, 50.

<sup>11</sup> Varela et alii, 1992, 51-52.

experiência do vazio. Este mesmo vazio, como *nonsense*, que Bifo tornava estratégico na construção das narrativas radiofônicas da Rádio Alice.<sup>12</sup>

Através das significações abolidas e das designações perdidas, o vazio é lugar do sentido ou do acontecimento que se compõem com o seu próprio não-senso, lá onde não há mais lugar a não ser o lugar. O vazio é ele-proprio o elemento paradoxal, o não-senso da superfície, o ponto aleatório sempre deslocado de onde jorra o acontecimento como sentido. “Não há ciclo do nascimento e da morte ao qual é preciso escapar, nem conhecimento supremo a atingir” (...) Trata-se menos de atingir ao imediato do que de determinar este lugar em que o imediato se mantém “imediatamente” como não-atingível: a superfície em que se faz o vazio e todo acontecimento com ele (...).<sup>13</sup>

Para cercar mais uma vez a questão, com outra perspectiva, a de um etólogo, aqueles pesquisadores do comportamento social dos – ou da comunicação entre os – animais, mas um etólogo que se especializou nos animais humanos; mais especificamente, nas relações entre os bebês e suas mães, e/ou outros seres de seu entorno imediato: Daniel Stern.

Stern pesquisou diretamente e trabalhou com os resultados de centenas de pesquisas da etologia, da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento, das relações mães-bebês; e construiu uma teoria do desenvolvimento dos diversos Sentos de Eu que se formam, mas não se superam – são todos mantidos como potenciais e resgatados sempre que a ocasião o exija – dos bebês, desde o instante do nascimento até um ano de idade: 1. O Senso de um Eu Emergente; 2. O Senso de um Eu Nuclear – Eu versus Outro; 3. O Senso de um Eu Nuclear – Eu com o Outro; 4. O Senso de um Eu Subjetivo I; 5. O Senso de um Eu Subjetivo II – Sintonia do Afeto; e 6. O Senso de um Eu Verbal.<sup>14</sup>

Interessa-nos, especialmente, o primeiro estágio – o Senso de um Eu Emergente – que acontece do instante do nascimento até dois meses de idade. Neste primeiro estágio, segundo Stern, a mente do bebê não vive no caos e no desamparo, como propunha a teoria psicanalítica, mas está mais próxima do caosmos de onde, incondicionadamente (como na Teoria atual do Caos na Física), emergem modos de apreensão de si, do mundo e do Outro, sem que haja ainda qualquer especialização ou código determinado.

---

<sup>12</sup> V. Costa, M.J.S.R. “Rádio Alice Através do Espelho. Gilles Deleuze. Política e Poética Estóicas na Teoria do Rádio”. NP 06 – Rádio e Mídia Sonora – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 3-4.

<sup>13</sup> Gilles Deleuze. *Lógica do Sentido*. 1974, 139-140.

<sup>14</sup> Daniel Stern. *O mundo interpessoal do bebê*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

Ainda não há especialização entre os sentidos da percepção – mas o que ele define como “percepção amodal”, onde todos os sentidos são intertraduzíveis. Visão, audição, tato, paladar, propriocepção, se comunicam, percebem-se uns através dos outros, o que permite que o bebê entenda e responda à expressão facial de um adulto (tradução do visual no proprioceptivo); perceba e modifique os níveis de iluminação de seu quarto através da pressão que imprime à chupeta que tem na boca – experimentalmente ligada ao controle da iluminação, etc...<sup>15</sup>

A outra característica apontada por Stern é a dos “afetos de vitalidade”. O bebê não tem nem a experiência nem o código dos sentimentos – culturalmente estabelecidos – mas é capaz de sentir-com, de ser afetado pelo que está sentindo sua mãe, por exemplo, a partir do tom, do “clima” de seus gestos: a maneira como puxa uma cadeira, ou como dobra a fralda que vai trocar nele, a maneira como se move no quarto...

Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos, cinéticos, tais como “surgindo”, “desaparecendo”, “passando rapidamente”, “explosivo”, “crescendo”, “decrecendo”, “explodindo”, “prolongado” e assim por diante. Essas qualidades da experiência são, com toda certeza, sensíveis para os bebês e de grande importância cotidiana, até momentânea. São essas sensações que serão eliciadas por mudanças nos estados motivacionais, apetites e tensões.<sup>16</sup>

Este Senso de Eu (de até dois meses de idade, portanto, bem *anterior à palavra*) seria, segundo Stern, mais presente, ou retomado pelos artistas, no ato de criação, em que é necessário se desfazer dos códigos e inventar possibilidades sonoras, visuais, ou até verbais, que ultrapassem os limites das linguagens estabelecidas. É essa qualidade nos perceptos e nos afetos, que emergem para que a criação rompa com as regras, os códigos e verdadeiramente crie novas linguagens.

Este potencial, que está em todos os humanos, assim como a “natureza básica da mente”, ou “estado natural da mente”, que os budistas colocam como o que pode ser resgatado, comum a todos, mas esquecido, seriam então a meta “política”, “ético-estética” para além da palavra-vírus. É isto que vemos procurar o paradigma Rádio Alice ou este Outro Rádio que toca Silêncio.

Finalmente, uma experiência, inspirada igualmente em Guattari, Bifo, nas radio-livres italianas, e que faz mais uma marca a ser pensada, foi a do movimento das mini-FM’s no Japão, liderado por Tetsuo Kogawa, nos anos 80. Uma resposta à legislação de telecomunicações japonesa, que até esta época, só licenciava emissoras do governo, ou

---

<sup>15</sup> Stern, 1992, 43-45

<sup>16</sup> Stern, 1992, 47.



ligadas ao governo. As mini-FM's, transmitiam com uma potência de 100 milliwatts, abaixo do limite proibido pela lei, abrangendo no máximo um quarteirão – uma área que pudesse ser percorrida de bicicleta – e permitindo um contato direto dos ouvintes e mesmo a presença e participação nas transmissões daqueles interessados a cada dia. Uma verdadeira não-separação entre ouvintes e produtores.

Quando em 1983 os estudantes com os quais eu havia iniciado uma estação de rádio no campus da universidade concluíram seu curso, restabelecemos a emissora no centro de Tóquio. Esta nova estação foi batizada “Radio Home Run”. Todos os dias, das oito até meia noite, um ou dois grupos irradiava conversas, leituras ou programas de música. Os temas dependiam dos convidados ou de quem convidava, sempre procurando reunir pessoas envolvidas em política e ativismo cultural. Também os ouvintes habitantes nas proximidades da estação começaram a nos visitar. (...) Os convidados às vezes gravavam fitas k-sete com nossos programas para seus amigos ouvirem, e assim a Radio Home Run rapidamente se tornou um lugar de encontro para estudantes, artistas, ativistas, trabalhadores, pequenos proprietários de lojas, políticos locais, homens, mulheres e idosos.<sup>17</sup>

A inspiração de Kogawa fora o pensamento de Guattari das revoluções moleculares, da transmissão transversal, i.e., como estabelecer meios para que muitas formas culturais, formas de comunicação e vida, de convívio com os valores diferenciados e singulares de cada grupo, fosse possível.

A ação de transmitir juntos transformou nossa relação e sentimentos de forma diferente dos efeitos de outras ações coletivas que não envolvessem transmissões. Depois, nós supomos que as relações eram diferentes porque nossa ação era aglutinar (narrowcasting) e não dispersar (broadcasting). Concluimos que este fato estava relacionado com a área limitada pelo sinal de transmissão.<sup>18</sup>

A experiência de Kogawa não foi replicada com a perspectiva política, ou ético-estética, que ele propunha. Ao contrário, surgiram centenas de mini-FM's com finalidades comerciais. Isto foi no início (e praticamente co-provocou) a expansão de um consumo de “cultura jovem” no Japão, marcada rapidamente pela imitação da cultura pop norte-americana. E as mini-FM's se expandiram associadas à indústria e ao comércio de produtos para esta “cultura jovem”. Mesmo grandes agências de publicidade criaram suas mini-FM's.

---

<sup>17</sup> Tetsuo Kogawa. Rumo ao Rádio Polimorfo, p.3

<sup>18</sup> Kogawa, p.4



Mas o projeto e o pensamento de Kogawa sobre a função do rádio, fica como exemplo, no horizonte, da mesma forma que a Rádio Alice, apontando para este novo mundo da comunicação que vimos discutindo, veículo do Vazio e do Silêncio contra a palavra-vírus.

Enquanto o rádio continua sendo considerado um meio de comunicação para fazer circular informações de um lugar a outro, Mini-FM é diferente. Como você poderia definir rádio que alcança uma pequena audiência em área muito limitada? Poderíamos definir isto como uma espécie de arte performática. Talvez radioarte seja um termo mais apropriado para classificar a experiência em Mini-FM. Mas não será totalmente adequado porque Mini-FM ainda é rádio.<sup>19</sup>

Nossa questão, que fecha este trabalho - não respondendo a nada, mas propriamente como questão – o que mais podem as narrativas radiofônicas nesta direção, que novos instrumentos, práticas, serão necessários para que possamos curar a linguagem, a comunicação, de seu atual processo infeccioso.

---

### Referências bibliográficas

BERARDI, Franco, Bifo. **Mutazione e cyberpunk**, edizioni costa & Nolan, Genova, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. de Luis Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1974.

------. **Pourparlers**, Les Éditions de Minuit, Paris, 1990.

BURROUGHS, William. “Word is a Virus” in Electronic Revolution.  
[http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic\\_revolution.pdf](http://www.ubu.com/historical/burroughs/electronic_revolution.pdf) ( em 12/6/08).

AGAMBEN, Giorgio. **Moyens sans fins. Notes sur la politique**, Paris: Rivage Poche, 2002

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **De Cuerpo Presente**. Las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Gedisa Ed., Barcelona, 1992.

COSTA, M.J.S.R. “Rádio Alice Através do Espelho. Gilles Deleuze. Política e Poética Estóicas na Teoria do Rádio”. NP 06 – Rádio e Mídia Sonora – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

------. “Franco Berardi, Bifo. Teoria do Rádio. Mídia e Política” NP 06 – Rádio e Mídia Sonora – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

---

<sup>19</sup> Kogawa, p. 7



STERN, Stern. **O mundo interpessoal do bebê**. Trad. de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

KOGAWA, Tetsuo. “Rumo ao Rádio Polimorfo”. Traduzido por Lilian Zaremba – a quem agradeço a cópia - a partir do texto disponível no site do autor.

V. <http://anarchy.translocal.jp/non-japanese/index.html>